Cortez, 2001.

PASCHOAL, J.D.A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009.

PINHO. Verônica Rios Eufrazino. Cognição na Infância: comparações entre recentes pesquisas e a teoria de Jean Piaget. Psicologia o Portal dos psicólogos, 2012.

SILVA, Azevedo. Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Natália Zanatta da. A importância do lúdico na Educação Infantil.

2014. 33 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

VIGOTSKI, L. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo, Icone: Edusp, 2010.

WALLON, Henri. Psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2001.

ZABALA, Miguel. A qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

# GESTÃO DE SALA DE AULA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

NEIDE ALVES CAVALCANTI DA SILVA

**Resumo**

Entendemos como gestão da sala de aula, o conjunto das ações desenvolvidas pelo professor para criar um ambiente favorável ao ensino-aprendizagem. Historicamente a culpa pelo não aprendizado recai sobre os alunos e as famílias. O estudo da gestão da sala de sula surge da necessidade de organização do trabalho docente, de compreender o que está envolvido na atividade do professor em sala de aula em suas dimensões básicas. Surge, também, da necessidade de o professor desenvolver múltiplas competências através de seu trabalho cotidiano. Investiga-se as influências positivas e negativas que a gestão da sala de aula pode exercer sobre a qualidade do ensino. Acredita-se que a compreensão dessa dimensão do trabalho educativo permitirá encontrar elementos que impulsionem o aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem. Justifica-se a preocupação com essa temática pela deficiência educacional brasileira em todo seu conjunto, seja na escola pública ou privada.

**Palavras-chave:** reprovação, inovação, respeito, gestão democrática.

**ABSTRACT**

We understand classroom management as the set of actions developed by the teacher to create a favorable environment for teaching and learning. Historically, the blame for failure to learn has been with students and families. The study of classroom management arises from the need to organize teaching work, to understand what is involved in the teacher's activity in the classroom in its basic dimensions. It also arises from the need for the teacher to develop multiple competences through their daily work. The positive and negative influences that classroom management can exert on the quality of teaching are investigated. It is believed that the understanding of this dimension of educational work will make it possible to find elements that drive the improvement of teaching and learning. The concern with this theme is justified by the Brazilian educational deficiency as a whole, whether in public or private schools.

**Keywords:** disapproval, innovation, respect, democratic management.

## INTRODUÇÃO

Observando dados de avaliações externas e internas, podemos perceber a urgência de uma educação escolar de qualidade que seja democrática e que cumpra sua função social de forma efetiva. O indivíduo pode aprender muita coisa fora da escola, mas há especificidades na aprendizagem escolar, seja conceitual, procedimental ou atitudinal. É, portanto, indispensável, o acesso a uma escola de qualidade. Qualidade vem de qualitas, termo introduzido no latim por Cícero como equivalente do grego poiótes, usado pela primeira vez como termo filosófico por Platão. Conquistar a qualidade social, democrática da educação implica a escola cumprir sua função social.

A concepção e as práticas avaliativas das instituições de ensino devem ser parte essencial do Projeto Político Pedagógico de cada escola. Projeto este que, construído por todos os atores sociais, visa o coletivo sem, contudo, perder de vista qualquer tipo de diversidade, inerente a todos os grupos. Portanto, trata-se, no fundo, da identidade da própria escola. Do que considera sua missão, suas necessidades e utopias. Estão aí incluídas as ações que cada escola trata como prioridade e seu ideal de sociedade.

## ESCOLA: LUGAR DE DESENVOLVIMENTO PLENO

O aluno vai para a escola, antes de mais nada, para aprender aqueles saberes necessários para sua formação em todas as áreas do conhecimento: domínio das linguagens, das quantidades, da natureza, da ciên-

cia, da tecnologia, do espaço, do tempo, do corpo, da transcendência, da arte, pois nosso mundo é marcado pelo conhecimento.

Ele necessita apropriar-se dos saberes para poder fazer parte dessa realidade tornando-se cidadão do mundo em que vive. Porém costumamos ver alguns que tiram notas excelentes, mas que são muito limitados do ponto de vista das relações, do projeto de vida, da sensibilidade social. Assim, a segunda tarefa da escola é o desenvolvimento humano pleno, com toda sua carga de inteligência emocional. Todos os educandos, quaisquer que sejam as suas origens familiares, sociais, étnicas, têm igual direito ao desenvolvimento máximo que a sua personalidade implica.

Algumas vezes observamos eles felizes na escola, mas apenas nos horários em que estão fora da sala de aula. Queremos que os alunos também estejam alegres, porque produziram um texto, resolveram um desafio matemático ou se sente encantado pela aula de história. Portanto, a alegria vem do crescimento da potência, de perceber que está sendo capaz de enfrentar melhor a realidade que vive, seja na escola ou fora dela.

Libâneo (1994) afirma que quanto maior a autoridade do professor no sentido profissional, moral e técnico, mais os alunos darão valor às suas exigências. Segundo ele, o conjunto de normas e exigências irá assegurar um ambiente de trabalho escolar favorável ao ensino e controlar as ações e os comportamentos dos alunos. Para Soares (2004), o efeito do ambiente escolar no aprendizado dos alunos é em grande parte determinado pelo professor, pelos seus conhecimentos, seu envolvimento e sua maneira de conduzir as atividades de sala de aula.

É importante ressaltar também que a qualidade das relações estabelecidas pelos professores com a direção, com outros professores e com os alunos em geral, pode influenciar o trabalho. Como autoridade profissional, Libâneo entende o domínio da matéria, dos métodos, dos procedimentos de ensino, mas também a sensibilidade em lidar com a classe e com as diferenças individuais, e sua capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente em sala de aula, que por sua vez pode contribuir para o desempenho escolar de cada turma, mesmo a despeito do quadro de carência em diversas áreas.

Gauthier (1997) ressalta que o professor faz cotidianamente a gestão da matéria e a gestão da sala de aula. A gestão da matéria se refere à formação pedagógica e à competência técnica do professor no domínio do conhecimento específico da sua disciplina. Para a gestão da sala de aula, o autor afirma que além da competência técnica, a expectativa sobre o futuro dos seus alunos, o envolvimento e entusiasmo em relação ao aprendizado da sua turma, a motivação em ensinar são elementos importantes na atuação docente no cotidiano escolar.

Conquistar a qualidade na educação é ter uma escola comprometida com o desenvolvimento humano integral, que tenha, portanto, como referência o ser humano em todas as suas dimensões existenciais e onde as artes estejam presentes bem como as linguagens. Uma escola que não exclua, que cada um e todos, de acordo com suas características, encontrem seu lugar de realização e crescimento.

Muitos consideram o problema da baixa qualidade do ensino como um fenômeno recente, acreditam ser causada pelo acesso dos alunos mais pobres e/ou deficientes ao ensino regular, mas essa é apenas uma impressão, porque os resultados das escolas particulares estão ruins também. Analisando historicamente as escolas, constatamos que a lógica excludente faz parte da mentalidade do brasileiro.

Muitos dizem que a escola privada é de melhor qualidade pois adotam modelos tradicionais de ensino e avaliação. Isso preocupa, pois a prática pedagógica retrógrada de muitas delas é colocada como modelo, como uma referência, que deveria ser seguida pela escola pública, para obter semelhante qualidade.

Resultados como do Saeb ou do Pisa (metodos de sondagem das aprensizagens) mostram que as escolas particulares estão apenas um pouco melhores do que as escolas públicas, pois o fato é que a educação brasileira está muito abaixo dos índices mundiais e alunos brasileiros de escolas particulares têm ocupado os últimos lugares na classificação mundial.

Essa impressão de que a escola particular é melhor vem da ideia de que são esses alunos que tem melhores notas nos vestibulares brasileiros e que isso advém da classe social do aluno.

A história das disciplinas escolares deixa claro que com o tempo, o interesse , que no início era expontânea, dá lugar à preocupação com a própria disciplina e seu corpo de especialistas. Temos um programa a ser cumprido, custe o que custar, independentemente da realidade dos alunos. O saber é fragmentado, dificultando a compreensão da realidade, bem como a aprendizagem significativa por parte do aluno. Outro problema é a organização de horários de 50 minutos de aula para cada disciplina. Essa prática pedagógica equivocada, é marcada pela mera transmissão e pela passividade, ao longo da história, pois as estratégias para se resolver o problema, como sabemos, variaram do uso da palmatória ao uso de medicações de controle neurológico, passando pela avaliação classificatória e excludente.

Enquanto categoria teórica, o

processo avaliativo implica em conteúdo, em como avaliar, e a intenção da avaliação. Essa intencionalidade encontra-se estreitamente vinculada à lógica classificatória e excludente, para que ao final do ano letivo possamos aprovar ou reprovar o aluno, e encaminhar estes últimos para a repetência. Esse contexto provoca uma deformação ética em nossa sociedade pois o aluno é tratado como coisa a ser classificada, e não como ser humano a ser formado. A avaliação classificatória e excludente cumpre bem esse papel pois se o problema é do aluno, nada mais natural que venha a punição em forma de reprovação, com a intenção de que acorde e mude. Nos anos 80, teorias que criticavam o modelo educacional de reprodução, ampliaram a compreensão do fenômeno educacional e, extrapolando a própria escola. No entanto, a análise assume uma forma genérica e de denúncia, sem conseguir apontar caminhos alternativos.

A partir sobretudo da segunda metade da década, os autores identificaram um movimento que busca a construção de referenciais capazes de contextualizarem a avaliação no sistema educacional e social. Ganha sentido a compreensão da realidade escolar com o fito de subsidiar decisões, o que coloca como desafio a elaboração de uma sistemática da avaliação da escola como um todo, apontando a necessidade de romper com o paradigma classificatório em favor de uma avaliação de caráter diagnóstico e da investigação do processo educacional. Com a ampliação dessa reflexão, a avaliação, que com sua dinâmica, produz o fracasso escolar, indica a necessidade da adoção de modelos mais complexos de análise e se observa o aumento do interesse pela discussão dos métodos qualitativos e quantitativos.

Poucos artigos publicados nos anos 80, segundo o balanço da produção, articulam avaliação com desempenho e formação docente, ou focalizam a avaliação do próprio docente. Eles indicam que a formação do professor sobre o tema é insuficiente, que lhe faltam critérios claros para orientar o processo de avaliação do aluno e a escolha dos instrumentos mais adequados para tanto. Escassos também são os textos que avaliam cursos ou programas curriculares, a própria escola, ou o sistema educacional.

A convivência de tendências pedagógicas diversas nos mesmos períodos históricos, teria conduzido a práticas concomitantes de avaliação com diferentes orientações pedagógicas, e as influências frequentemente identificadas foram a tecnicista, que cresceu mais do que outras, e a dialético-transformadora.

Os estudos psicológicos contribuem também para a formulação do novo paradigma de avaliação qualitativa, conferindo especial ênfase à avaliação formativa, com insistência num olhar mais descritivo e menos prescritivo acerca de como operam os mecanismos de aprendizagem e a construção de conhecimentos pelo aluno. Artigos de inspiração piagetiana chamam atenção para os tipos de erro na aprendizagem e o papel do professor; valorizam o caráter diagnóstico da avaliação, como em Davis e Esposito (1990). A importância da interatividade no processo avaliativo e da autoavaliação do aluno é também ressaltada nas abordagens de cunho psicológico, assim como a consideração de outras dimensões da avaliação, que não a exclusivamente cognitiva.

A referência à Teoria das Inteligências Múltiplas, preconizada por Gardner, aponta perspectivas originais para a avaliação de indivíduos: oferece opções que permitem aos educandos realizações pessoais em várias áreas do saber, leva em conta a sua cultura e um futuro desempenho adulto, e alarga as possibilidades de trabalho com clientelas diferenciadas.

Em suma, o paradigma de avaliação qualitativa é expresso sobretudo mediante a afirmação de certos pressupostos. Prevalece entretanto a escassez de trabalhos relativos a teorias específicas, metodologias próprias e instrumentos capazes de subsidiarem o trabalho docente nessa perspectiva, tal como já havia sido apontado em relação aos períodos anteriores.

Nesse contexto o professor também é vítima de uma formação frágil, feita às pressas. Parte dos professores não tem noção dos fundamentos da educação escolar. Muitos querem, inconscientemente, alunos sem problemas, tanto na aprendizagem quanto no comportamento. Quando surgem os problemas, por não saberem como lidar, encaminham para orientação, coordenação, direção, pais, e até ao conselho tutelar. Por fim, atuando num contexto de desmonte social, com condições precárias, com currículo e avaliação equivocados, e com formação frágil, é muito provável que os alunos não aprendam como deveriam. O mais grave aspecto é como muitos docentes interpretam este fato.

Além da alegação do desmonte e das condições das escolas, é muito forte a presença das justificativas ideológicas que apontam o aluno e as famílias modernas como sendo os responsáveis pelo fracasso da educação.

Estas justificativas estão disponibilizadas há pelo menos 200 anos quando a burguesia, no final do século XVIII, ofereceu escola para o povo, A partir de então, o professor é convocado justamente para fazer a seleção e ver quem tem ou não tem condições de aprender. O professor faz seu papel e ensina e ao verificar que o aluno não aprende, conclui-se que o problema é o aluno e sua família problemática.

Várias pesquisas revelam a enorme presença desta visão entre os professores

e muitos se baseiam nas representações pessoais (conceitos e preconceitos). De outro lado vemos pais de alunos que exigem que seus filhos sejam reprovados, mas não exigem uma melhor formação do professor ou melhoria das escolas públicas. É a situação clássica de o oprimido hospedar em si o opressor, como Paulo Freire descreveu em suas obras. Para que o processo de mudança possa avançar, antes de criticar a reprovação em si, temos de desconstruir a culpabilização do aluno.

Nos idos do anos 30, casar com uma professora era visto como uma grande conquista, em função dos ótimos salários recebidos. As escolas eram belas construções, com mármores, móveis de madeira de lei, muito limpas e equipadas. O professor era uma figura de grande prestígio, referência na cidade, e muito respeitado até nos meandros da política. O apoio dos pais era total, com autorização para que o professor punisse os alunos fisicamente em sala de aula. Porém, mesmo com todas estas condições, pesquisas do censo da época revelam que o índice de reprovação na 1ª série primária ficava na casa dos cinquenta por cento, ou seja, a escola ideal já se mostrava extremamente excludente. A partir dessas informações podemos compreender que muitas mudanças se fazem necessárias, começando por ações e concepções fora de sala de aula, alcançando toda uma sociedade e reverberando em mudanças na gestão de sala de aula.

Precisamos por um fim à transferência de responsabilidade, e abraçar um clima de abertura à inovação com estruturas de participação, fortalecendo relacionamentos, buscando parcerias, proporcionando momentos em que o aluno possa usufruir de um clima de respeito permitindo que ele expresse o que de fato pensa, sente, faz. A escola precisa combater a desarticulação, o trabalho isolado, o autoritarismo, a burocracia paralisante e a lógica do ensino "pobre" para os pobres. Essas ações de mudanças, precisam ser pensadas e planejadas pela gestão com o auxílio dos professores estimulando o aprendizado, trabalhando competências significativas como as socioemocionais, práticas e cognitivas.

Essa gestão deve ocorrer diariamente e o professor deve ficar atento aos seus alunos, suas dificuldades, facilidades, habilidades e talentos para traçar os principais problemas, trabalhar neles e buscar a solução.

A gestão de sala de aula faz parte do planejamento. Ela será uma base para que o grupo atinja suas metas e a instituição de ensino colha os bons frutos do trabalho, formando alunos com boa capacidade crítica, engajados no aprendizado e se desenvolvendo como cidadãos plenos, conhecedores de seus direitos e deveres.

Para Slavin (1994), é importante o professor faça a correção das atividades de sala e de casa, dando um feedback aos alunos pois o controle do processo de aprendizagem acontece através do acompanhamento das tarefas realizadas pelos alunos e do monitoramento das suas dúvidas.

O estudo nem sempre é uma atividade prazerosa para os alunos, cabendo ao professor conseguir motivação e empenho dos alunos através de elogios e incentivos. A motivação do aluno para a aprendizagem é fator de grande importância para sua participação na aula com atenção e concentração. O envolvimento nas tarefas de sala de aula diminui as oportunidades de indisciplina, distração e não realização das atividades.

Assim, a gestão em sala de aula, como um prolongamento da gestão escolar, pressupõe um espaço onde, com a orientação do professor, possam ser produzidos, manifestados e experimentados comportamentos democráticos, ou seja, nesse espaço, os sujeitos serão levados a agir de forma coletiva e comprometida com os interesses coletivos. Cabe aqui lembrar Paro (2007, p. 104), quando afirma: "se estamos preocupados em formar cidadãos participativos, por meio da escola, precisamos dispor as relações e as atividades que aí se dão de modo a 'marcar' os sujeitos que por elas passam com os sinais da convivência democrática". A sala de aula é também o espaço no qual, em determinado tempo, se lida com os acontecimentos de outros tempos e espaços, com as histórias de vida dos os sujeitos. A interação entre os grupos dependerá do professor, de sua forma democrática de mediar as situações, possibilitando o crescimento de todos os integrantes do grupo. Atuando com conhecimento, organizando o espaço de convívio, planejando o trabalho a ser realizado, mediando conflitos e estabelecendo a confiança mútua, o professor tem condições de criar situações propícias para a internalização dos conhecimentos por parte dos sujeitos e, ao mesmo tempo, possibilitar o desenvolvimento de cidadãos democráticos.

A gestão democrática supõe a redefinição do papel do educador. Neste caso, cabe-lhe o papel de incentivar seus alunos para o envolvimento com o trabalho pedagógico. Como o processo de ensino é intencional, o professor deve explicar aos alunos os objetivos dos conteúdos curriculares e da aula, mostrando a importância de eles serem atingidos.

Considerando que o diálogo com o aluno faz com que ele se comprometa com a apropriação dos conhecimentos, essa então é uma forma de despertar nele a consciência de que aprender é uma ação que não se torna possível apenas pela ação do professor, mas também por sua vontade. "Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiên-

cia dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos."

(Tardif, 2002, p.132)

A tecnologia é uma grande aliada nesse processo. Ela abre possibilidades para que o professor se atualize e utilize novos métodos, como a sala de aula invertida ou o ensino híbrido. Na sala de aula invertida com o uso das novas tecnologias, é possível propiciar experiências fantásticas tanto para professores quanto para os alunos. As plataformas digitais, o uso da inteligência artificial, agilizam a gestão de sala de aula tornando o desenvolvimento de projetos mais ágil, lúdico e organizado.

Já no ensino híbrido, a tecnologia é a ferramenta central para que a aprendizagem esteja acessível para todos. Nessa nova proposta, o aluno terá a oportunidade de mesclar o ensino tradicional com instrumentos tecnológicos que já os são familiares. Nesse contexto, o jovem perceberá o meio digital com um novo olhar: o do aprendiz, isto é, o computador ou o celular que, antes, eram usados apenas para acesso às redes sociais, agora será também para aumentar a possibilidade de aprendizado. Assim, nossos educandos terão mais autonomia e sentirão que estão mais ativos no processo de aprendizagem e o professor terá as ferramentas essenciais para planejar sua aula com mais eficiência, aumentar o interesse dos alunos, além de ter seus resultados armazenados e mapeados para o desenvolvimento de projetos futuros.

Já se foi o tempo em que a sala de aula e os livros da biblioteca estavam entre as poucas oportunidades para ensinar sobre um assunto. Hoje em dia, o estudante pode encontrar inúmeras abordagens sobre um tema em artigos, vídeos, jogos e sites. Então, em vez de ensinar conteúdos por meio de aulas tradicionais, o professor pode interagir com os alunos de maneira diversificada e constante.

Além disso, apresentações, palestras e debates são formas de inovar na sala de aula. Criar projetos que incentivem o protagonismo dos alunos, uma vez que eles trazem excelentes resultados. Um jornal virtual, jogos, documentários, tudo produzido pelos discentes, faz grande diferença nas aulas.

Outra mudança é a chegada da palavra "protocolo". Esta parecia tão distante do vocabulário utilizado no dia a dia dos educadores, agora está na boca até de crianças pequenas. Os protocolos, sem dúvida criados para garantir a segurança e saúde de todos, precisaram ser aprendidos, compreendidos, postos em ação e demandaram atenção e esforço por parte de toda comunidade escolar. Agora, os protocolos já não são novidade e muitos deles estão incorporados nas pequenas ações diárias que realizamos com naturalidade. O retorno ao presencial trouxe o desafio de adequar os espaços aos protocolos, mas uma vez que a segurança de todos que a habitam está garantida, vamos olhar o espaço da sala novamente com intenção pedagógica.

O professor deve atuar como planejador do ambiente, pensando nas atividades que a sala irá acomodar e se a organização espacial favorece a realização de tais atividades, analisando a presença ou não de alunos deficientes, e envolver os alunos nas decisões sobre o ambiente. O planejamento cuidadoso do ambiente da sala de aula é uma parte integrante da gestão do professor, pois criar uma sala de aula confortável e funcional é um modo de mostrar aos seus estudantes que você se importa com eles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma situação recorrente, mas que ainda não é predominante nas escolas brasileiras e de diversas partes do mundo é possuir na sala de aula alunos com dificuldades de aprendizagem, com problemas psíquicos, psicológicos e mesmo físicos. Há também alunos com autoestima baixa, oprimidos e apáticos; fechados em si mesmos e com dificuldade de relacionamento com os colegas e professores; hiperativos; indisciplinados, agressivos e mesmo violentos.

Diante disso, o professor já deve estar se familiarizando com a necessidade de trilhar o caminho para as mudanças que dependem muito dele e de sua boa vontade em começar a buscar soluções para a sua prática, conhecendo seus alunos. Nesse sentido, realizações acadêmicas, comportamento e eficácia docente, estão diretamente ligados ao conceito de gestão da sala de aula e de escolas. A sala de aula é um dos espaços mais relevantes no contexto educacional, ainda que a sala de aula transcenda o espaço de quatro paredes, estendendo-se à educação virtual, a distância, voltamo-nos ao objetivo maior desse processo que é a construção de conhecimento. Gerenciar sala de aula não diz respeito apenas à disciplina das turmas, mas também à organização dos espaços, os materiais disponibilizados e a proposta estabelecida pelos projetos dispostos. A qualidade da educação está diretamente ligada à gestão de sala de aula. Esperamos que essa gestão proporcione mudanças significativas, para que o aluno não seja classificado e selecionado, mas que seja sim protagonista de uma escola democrática que forme seres críticos e participativos de uma sociedade justa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESPÓSITO, Y.L.,; DAVIS, C.; NUNES,